

**“TRISTEZA NÃO TEM FIM; FELICIDADE, SIM?”  
UM OLHAR SOBRE O *DE BEATA VITA* DE AGOSTINHO<sup>1</sup>**

ON THE AUGUSTINE'S *DE BEATA VITA*

*Silvia Maria de Contaldo*<sup>2</sup>

**RESUMO:**

O presente artigo procura apresentar e analisar o *De beata vita* de Santo Agostinho, em que o autor se indaga a respeito da natureza da felicidade e da possibilidade humana de alcançá-la.

**Palavras-chave:** Agostinho de Hipona. *De beata vita*. Felicidade.

**ABSTRACT:**

This paper aims at presenting and analyzing the St. Augustine's *De beata vita*, in which the author asks about the essence of happiness and the human possibility of achieving it.

**Keywords:** Augustine of Hippo. *De beata vita*. Happiness.

*A sabedoria é a medida da alma.*

(Agostinho)

Tristeza não tem fim, felicidade sim? Tomei a liberdade de substituir o ponto final pelo ponto de interrogação, contrariando o verso imortalizado dessa canção<sup>3</sup>. No repertório musical brasileiro, dentre os mais diversos gêneros – claro, aqueles que

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 20/05/13 e aprovado para publicação em 15/06/13.

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia pela PUC-RS. Professora da PUC-Minas.

<sup>3</sup> Trata-se de uma canção incomparável, cujo título é *A Felicidade*, no repertório da chamada 'Bossa Nova', movimento dos anos 60. A letra é de Vinícius de Moraes (1913-1980) e a música é de Tom Jobim (1927-1994), dois ícones da cultura musical brasileira. Eis a canção: Tristeza não tem fim/Felicidade sim/A felicidade é como a gota do orvalho numa pétala de flor/Brilha tranquila/Depois de leve oscila/E cai como uma lágrima de amor/A felicidade do pobre parece/A grande ilusão do carnaval/A gente trabalha o ano inteiro/Por um momento de sonho/Pra fazer a fantasia/De rei ou de pirata ou jardineira/e tudo se acabar na quarta feira/Tristeza não tem fim Felicidade sim/A felicidade é como a pluma/Que o vento vai levando pelo ar/Voa tão leve/Mas tem a vida breve//Precisa que haja vento sem parar/A minha felicidade está sonhando/Nos olhos da minha namorada//É como esta noite/Passando, passando/Em busca da madrugada/Falem baixo, por favor/Prá que ela acorde alegre como o dia/Oferecendo beijos de amor/Tristeza não tem fim Felicidade sim”

expressam o bom gosto estético, os vocábulos tristeza e felicidade são recorrentes, como a nos lembrar de dois polos de nossa existência, ou de certos modos de sentir e percebermo-nos viventes e existentes. Na literatura, igualmente, esse é um tema constante. Veja-se, para ficar no âmbito de expressivos autores nacionais, a prosa longa e entrecortada de Riobaldo em *Grande Sertão*, de Guimarães Rosa, os silêncios reticenciosos de Paulo Honório em *Angústia*, de Graciliano Ramos, a fala mineiramente não dita de um Drummond, dentre tantos outros que, no exercício ficcional, dão sabor à pergunta essencial que os seres humanos fazem a si mesmos: o que é a felicidade? Ou, se existe mesmo, onde estará? E, se estiver em algum lugar, como encontrá-la? E, encontrando-a, como conservá-la?

Na Filosofia não seria diferente, ainda que essas perguntas tenham sido feitas por vozes com outras tonalidades linguísticas, ao longo de sua tradição milenar. Enfim, o tema é velho e novo, incomoda e faz pensar. “Quero que você seja feliz”, é o refrão de uma recentíssima canção brasileira. Nesse caso específico, a protagonista está se separando do seu parceiro. Interessante que, em momentos de profunda tristeza, que parecem não ter fim..., ainda apostamos na felicidade.

Assim é que todos sabemos que nesse movimento pendular que é a vida humana, a questão não se reduz a precisar o conceito de felicidade ou o conceito de tristeza, para serem aplicados ou *incorporados* de acordo com o estado da alma. Ao contrário, passamos de um estado a outro, muitas vezes sem aviso prévio, graças também àquela figura que traz em sua mão um leme, mudando sem mais os rumos e ventos de nossas vidas<sup>4</sup>. É mais ou menos isso que pode ser lido na justificativa inicial que Agostinho escreve em seu diálogo *De Beata Vita*. Dedicado a Mânlio Teodoro<sup>5</sup>, esse primeiro diálogo escrito em companhia de amigos, de seu filho e de sua mãe<sup>6</sup>, no seu retiro pós-conversão. No início da obra Agostinho declara: “estamos lançados neste mundo, como em mar tempestuoso, e por assim dizer, ao acaso e à aventura - seja por Deus, seja pela natureza, seja pelo destino (*necessitas*), seja ainda por nossa própria vontade”. Sucessivamente, por algumas dessas conjunturas, ou talvez, por todas

---

<sup>4</sup>Refiro-me aqui à *Roda da Fortuna*: “a *Roda da Fortuna* na Idade Média representava tanto a *Roda da Vida*, que elevava o homem até o alto antes de deixá-lo cair de novo, como a *Roda do Acaso*, que não parava nunca de rodar e indicava a mudança perpétua que caracteriza a natureza humana” (cf. Ricardo Costa).

<sup>5</sup>Mânlio Teodoro foi cônsul romano, além de gramático e escritor, em meados do século IV. Estudioso do neoplatonismo foi responsável pela aproximação de Agostinho aos textos neoplatônicos.

<sup>6</sup>São presenças nesse diálogo: os amigos e discípulos Alípio, Licêncio e Trigésio; a mãe, o irmão e o filho – Mônica, Navígio e Adeodato, respectivamente. No outono de 386, estão todos reunidos na chácara de Verecundo, em Cassiciaco. Durante três dias Agostinho conduziria as discussões em torno do tema da felicidade.

elas reunidas. A questão é muito obscura<sup>7</sup>, arremata Agostinho, lembrando que o destinatário daquele texto - Mânlio Teodoro, já começara a desvendá-la.

Também para nós, no século XXI, a questão continua obscurecida, pois o “porto da Filosofia, único ponto de acesso à região e à terra firme da vida feliz<sup>8</sup> parece quase inacessível, tamanhas as dificuldades associadas à natureza dos navegantes, que Agostinho qualifica de “ignorantes e erradios”<sup>9</sup>.

Agostinho indicara três tipos de navegantes<sup>10</sup>. Ele próprio se vê, em condição menos afortunada para navegar, o que pode ser entendido como a motivação ou pretexto para fazer vir à tona, entre os convivas de Cassisiaco, o diálogo filosófico sobre a natureza da vida feliz.

Porém, antes de dar início ao diálogo propriamente dito, Agostinho fez um breve inventário de sua rota, uma espécie de micro-confissão, justificando assim a razão e o tema daqueles três dias de conversação, que seriam intensos: “renunciei a tudo e conduzi meu barco, abalado e avariado, ao suspirado porto da tranquilidade”<sup>11</sup>. Aí também pode-se confirmar o binômio tristeza-felicidade, indissociáveis. Lançarmo-nos ao mar não nos dá garantia de certificado de vida feliz. Ao contrário, parece deixar em aberto, ao longo de toda existência, as diversas possibilidades de equivocarmo-nos na leitura de nossa carta náutica.

É nessa perspectiva que o diálogo assume forma e direção. Dia do aniversário de Agostinho, refeição frugal, ambiente tranquilo, os ‘navegantes’ estão às voltas com uma questão aparentemente simples. Se nos é evidente que somos compostos de alma e corpo, então não há dúvida que esses dois elementos precisam de alimentos<sup>12</sup>. Nada de mais óbvio e todos sabemos que o corpo, sem alimento, definha<sup>13</sup>. Reiterou, ainda, Agostinho, que a natureza fixou aos corpos a dimensão a qual podem atingir. Trigésio brincou com a questão

---

<sup>7</sup> “Cum enim in hunc mundum, sive Deus, sive natura, sive necessitas, sive voluntas nostra, sive coniuncta horum aliqua, sive simul omnia (res enim multum obscura est, sed tamen a te illustranda suscepta)”(I,1)

<sup>8</sup> “Si ad philosophiae portum, de quo iam beate vitae regionem solumque proceditur” (I,1).

<sup>9</sup> “[...]quotusquisque cognosceret quo sibi nitendum esset quave redeundum, nisi aliquando et invitos contraque obnites aliquas tempestas, quae stultis videtur adversa, in optatissimam terram nescientes errantesque compigeret?”(I,1).

<sup>10</sup> “[a primeira] é aquele que, tendo chegado à idade em que a razão domina, [afasta-se] da terra mas não demasiadamente.[...] A segunda espécie de navegantes, ao contrário da primeira, é constituída dos que, iludidos pelo aspecto falacioso do mar, optam por lançar-se ao longe.[...] Há a terceira categoria de navegantes, a meio-termo entre as outras duas” (cf. *De Beata Vita*, I, 2).

<sup>11</sup> “Itaque tantus me arripuit pectoris dolor, ut illius professionis onus sustinere non valens, qua mihi velificabam fortasse ad Sirenas, abiicerem omnia et optatae tranquillitati vel quassatam navem fissamque perdurecem” (I,4)

<sup>12</sup> “Manifestum vobis videtur ex anima et corpore nos esse compósitos?” (II,7)

<sup>13</sup> “Modum – inquam – suum a natura constitutum habent omnia corpora, ultra quam mensuram progredi nequeant;tamen ea mensura minora essent, si eis alimenta defuissent” (II,7)

pois, no seu caso, seu grande apetite não correspondera ao seu crescimento! Mas, claro, esse é problema para o corpo e Agostinho estava mais interessado na qualidade dos alimentos para a alma.

Com a contribuição de Mônica, Agostinho conduziria o diálogo assemelhando-se ao capitão de um navio. É ele que dá a direção da rota a ser percorrida e, para isso, precisa contar com a ajuda da tripulação para fazer a travessia. Mônica deixara bastante claro que os nutrientes da alma são o conhecimento das coisas e a ciência, demonstrando que, sem cultura e instrução estaríamos todos famintos e em jejum<sup>14</sup>. Ou, nas palavras de Agostinho: “do mesmo modo como o corpo, privado de alimento, fica exposto a doenças e reações malignas, decorrentes de sua inanição, assim o espírito ignorante está impregnado de doenças provenientes de suas carências”<sup>15</sup>. E, acrescenta ele, “os antigos justamente queriam que fosse chamada malignidade essa decomposição que é a mãe de todos os vícios, pois vem a ser o nada e o vazio”<sup>16</sup>. Vazio, inanição, jejum, tristeza. O contrário desse estado, ao que poderia parecer, não seria a abundância, mas a moderação, visto que do mesmo modo que acontece com o corpo, os alimentos – também para a alma, podem ser proveitosos e salutareis ou funestos e insossos.

É claro nesse texto a presença da sabedoria dos antigos, qual seja, a moderação. Para esclarecer o sentido mais profundo desse termo, Agostinho recorda a sua origem, *fruges*, cujo significado é fruto, o que evoca a idéia de fecundidade, de algo que nasce. Daí temos temperança, frugalidade e, pela leveza do sentido, o que se apresenta com simplicidade, com moderação.

É ainda nesse sentido que os enfermos recusam o alimento. Uma alma sábia recebe, com alegria, alimentos saudáveis para abrir o apetite do espírito, no caso, o apetite filosófico. E é assim que Agostinho procede com os participantes do diálogo, oferecendo-lhes, por assim dizer, a pergunta essencial dessa obra: “Queremos todos ser felizes?”<sup>17</sup>.

Claro que todos responderam afirmativamente. Penso que, agora mesmo, se nos fosse feita a mesma pergunta, também a nossa resposta seria afirmativa. No entanto, o simples

---

<sup>14</sup> “-Recte igitur dicimus eorum ânímos, qui nullis disciplinis eruditi sunt, nihilque bonarum artium hauserunt, ieiunos et quase famélicos esse” (II,8)

<sup>15</sup> “Ista ipsa est – inquam -, crede mihi, quaedam sterilitas et quase fames animorum. Nam quemadmodum corpus detracto cibo plerumque morbis atque scabie repletur, quae in eo vitia indicant famem, ita et illorum animi pleni sunt morbis quibus sua ieiunia confitentur (II,8)

<sup>16</sup> “Etenim ipsam nequitiam matrem omnium vitiorum, ex eo quod nequidquam sit, id est ex eo quod nihil sit, veteres dictam esse voluerent”(II,8)

<sup>17</sup> “Beatos esse nos volumus?” (II,10)

assentimento não resolve a questão e é preciso que naveguemos um pouco mais, em águas mais profundas. A questão é mais espinhosa, pois trata-se de discutir não se queremos ser felizes mas como podemos ser felizes. E parece, como asseverou Mônica, que quem tem o quer é feliz, se, e somente se, o que se quer é o bem. Se ‘coisas más’ é o que se quer então, ainda que possuindo-as, não seremos felizes, mas *desgraçados (miser est)*, para usar a mesma expressão de Mônica.

Sabemos que Agostinho aportou nesse tema com os ventos ciceronianos, lidos em *Hortênsio* e trazidos para o festim filosófico. E viu, nas observações da sua mãe, o que já conhecia de Cícero: “Há certos homens – certamente não filósofos, pois sempre prontos a discordar – que pretendem ser felizes todos aqueles que vivem a seu bel prazer. Mas tal é falso, de todos os pontos de vista, porque não há desgraça pior do que querer o que não convém. És menos infeliz por não conseguires o que queres, do que por ambicionar obter algo inconveniente. De fato, a malícia da vontade ocasiona ao homem males maiores do que a fortuna pode lhe trazer de bens”<sup>18</sup>.

Esclarecido então que há distinção entre ser feliz, de fato, e querer sê-lo, e pressupondo que a felicidade está na posse de bens, Agostinho arremata provisoriamente uma conclusão: “ninguém pode ser feliz, sem possuir o que deseja e, por outro lado, não basta aos que já possuem ter o ambicionado para serem felizes”<sup>19</sup>. Em ambos os casos, tristeza sem fim, pois haverá sempre algo a mais a desejado para ser possuído.

Por outro lado, essa proposição lembra o reverso da moeda, pois parece que quem tem tudo o que deseja, os ‘afortunados’, são felizes. Ou pelo fato de nada lhes faltar sua vida é bastante agradável e, portanto, têm uma vida feliz<sup>20</sup>. Nesse caso, felicidade sem fim, insaciedades.

Se a questão fosse assim tão simples, colocaríamos aqui um ponto final. Mas Agostinho lembraria a todos que não estamos livres das ‘variações da sorte e das vicissitudes da vida’ - vide a Roda da Fortuna - e, portanto, não podemos ter ou conservar, para sempre, tudo o que queremos. Nós conservamos, se é possível essa contradição de termos, o que é perecível e passageiro. E os bens transitórios, cambiantes, que se vão, sujeitos à mudança e que podem ser perdidos, não são os nutrientes para uma vida feliz. Mônica, participante ativa

---

<sup>18</sup> Cf.II,10

<sup>19</sup> “Ergo illud – inquam – convenit

<sup>20</sup> “Sunt – inquit – multi fortunati, qui eas ipsas res fragiles casibusque subiectas, tamen iucundas pro hac vita cumulate largeque possideant, nec quiddquam illis eorum quae volunt desit” (II,11)

desse diálogo, refletiu e ponderou e: “ainda que alguém tivesse a certeza de não perder tais bens frágeis, contudo, nunca viria a se contentar com o que já possui. Portanto, a pessoa seria infeliz pelo fato de querer sempre mais”<sup>21</sup>.

Parece não haver nenhuma novidade nesse modo de conceber a vida feliz. Desde os gregos a palavra moderação remete à felicidade. ‘Nada em demasia’ e, ousado acrescentar, nem a tristeza e nem a felicidade. Tristeza demais leva ao definhamento da alma, a certos naufrágios irreversíveis. Felicidade em demasia já não seria felicidade. Seria excesso, quase um castigo, uma condenação para os mortais.<sup>22</sup> Visto sob essa ótica, resta-nos uma única possibilidade. A felicidade, felicidade verdadeira, liga-se ao que é permanente e imutável, não pelo excesso, mas pela natureza desse bem, pois nada lhe falta e assim não deixará de ser o que é, e não poderá deixar de ser o que já é: Deus. Ou, nas palavras de Agostinho, ‘quem possui a Deus é feliz’<sup>23</sup> (DVB II,11).

Estaria tudo resolvido se tivéssemos respostas para uma questão fundamentalmente importante que Agostinho não deixaria para trás: “quem entre os homens possui a Deus”?<sup>24</sup>

Cada um dos participantes, como era habitual em conversações daquela natureza, pôde expressar sua opinião. Licêncio, por exemplo, pensava que ‘possui a Deus quem vive bem’, diferentemente de Trigésio e Lastidiano, que, por sua vez, concordavam que “possui a Deus quem faz o que Deus quer que se faça”. Rústico, que ficara em silêncio, acabou por concordar com essa opinião e Navígio, também ele silencioso, declarou que Adeotado (um jovem!) dera a melhor resposta: “Possui a Deus quem não tem em si o espírito impuro (*immundum*)”<sup>25</sup>. O entrelaçamento dessas opiniões seria feito por Agostinho no terceiro dia do Colóquio. Como bom navegante, soube dar os nós e jogar a rede: “Se, pois, possui a Deus aquele que busca a Deus, faz a vontade de Deus, vive bem e está livre do espírito impuro; e entretanto, por outro lado, quem está à procura de Deus ainda não o possui; segue-se que quem vive bem faz o que Deus quer e não possui o espírito impuro, só por aí, não pode ser considerado como alguém que possua a Deus!”<sup>26</sup>

---

<sup>21</sup> “Etiam si securus sit – inquit –, ea se omnia non esse amissurum, tamen talibus satiari non poterit. Ergo et eo miser quo semper est indigus” (II,11)

<sup>22</sup>Veja-se, por exemplo, a história de Gilgamesh, escrita e reescrita em muitas versões. A versão mais completa foi redigida em língua acádica, há 35 séculos, em escrita cuneiforme gravada em tabletes de argila.

<sup>23</sup> “Deum igitur – inquam – qui habet, beatus est” (II,11)

<sup>24</sup> “Nihil ergo, inquam, nobis iam, quaerendum esse arbitror, nisi quis hominum habeat Deum; beatus enim profecto is erti” (II,12)

<sup>25</sup> “Is habet Deum – ait – qui spiritum immundum non habet” (II,12)

<sup>26</sup> “Nam cum ratio demonstrasset eum beatum esse qui Deum haberet, nec huic quisquam vestrum sententiae restitisset, quaesitum est quisnam vobis videretur Deum habere.” (III,17)

Nota característica de grandes pensadores é essa capacidade de não dar por encerrada a questão, prematuramente e, brincar, por assim dizer, com conclusões aparentes. É o procedimento de Agostinho, também percebido em outras obras de sua autoria. Nesse tema específico, foi então necessário reorientar a rota, quer dizer, revisar as ideias: é feliz quem possui a Deus, mas igualmente é feliz quem está à procura de Deus, pois, diz Agostinho: “aquele que *ainda* [grifo nosso] está à procura de Deus não chegou até Deus, também se vive bem. Portanto, nem todo o que vive bem possui, por isso, a Deus.”<sup>27</sup>

Reverendo a questão fica então mais claro que uma coisa é possuir a Deus, outra é não estar sem ele. Essa proposição reconfigura certos horizontes existenciais, pois seria um erro grave distinguir categorialmente entre homens felizes e homens infelizes, entre os bons e os maus (os exemplos históricos são muitos e não queremos que se repitam).

Trata-se, então, de compreender mais profundamente o valor do ‘ainda’. *Ainda* não possuo a Deus, *ainda* não o encontrei, *ainda* não sou feliz. E isso não significa que sejamos infelizes. Pode significar que sejamos carentes, o que nos traz algum tipo de infelicidade, e é esse estado interior que Agostinho qualifica de indigência da alma.

Sob essa perspectiva parece-me que Agostinho encontrou o rumo certo. ‘Se todo indivíduo indigente é infeliz e todo infeliz é indigente’, poderíamos concluir que infelicidade e indigência se identificam. Contrário de indigência é plenitude. Por isso mesmo na plenitude há felicidade. Plenitude e não opulência. Plenitude porque é moderação e temperança, verdadeiras medidas da alma. Ou, para repetir Agostinho, que por sua vez repete os antigos: “nada haja em demasia”<sup>28</sup>

Daqui voltamos ao ponto de partida. Tristeza não tem fim, felicidade sim? Depende. Depende do objeto do nosso amor. Bens perecíveis são passageiros e só fazem alimentar a tristeza. Penso que sob esse ponto de vista a tristeza não teria fim. E a felicidade? Tem fim? Não, pois se chegasse ao fim já não seria felicidade, plenitude, duração. Tal qual o amor, ‘que seja infinito enquanto dure’ dizia o poeta. E, portanto, não era amor. Claro que o pensamento de Agostinho está inexoravelmente voltado para Deus, bem que é permanente, imutável e, para não ter fim, a felicidade só pode ser felicidade em Deus.

Mas pensando no movimento das ideias que cruzam os tempos históricos, poderíamos ainda contar com o pensamento filosófico-religioso de Agostinho para afirmar a

---

<sup>27</sup> “Tamen qui adhuc quaerit, nondum ad Deum, pervenit, etiamsi bene vivit. Non igitur quisquis bene vivit, Deum habet” (III,19)

<sup>28</sup> “Ut ne quid nimis” (IV,32)

positividade de uma vida feliz, não reservada exclusivamente à posse de Deus, mas uma vida feliz *em* Deus, que tenha como objeto o amor às criaturas singulares, às pessoas, conforme ele mesmo afirmara em *Confissões*, nesse ‘ser e não ser das criaturas’, nessa indignação: “E observei as restantes coisas abaixo de ti e vi que nem em absoluto são, nem em absoluto não são: na verdade, são, porque procedem de ti, mas não são porque não são aquilo que tu és. Porque existe verdadeiramente aquilo que permanece imutavelmente. Mas para mim é bom estar unido a Deus, porque se não permanecer nele, nem em mim poderei permanecer. Mas ele, permanecendo em si mesmo, renova todas as coisas, e tu és o meu Deus, porque não precisas dos meus bens”<sup>29</sup>.

A título de conclusão: após os três agradáveis dias de colóquio e boa conversa e boas refeições, Agostinho agradeceu a Deus e aos amigos. Ali trocaram ideias, alimentos da alma, na exata medida da felicidade. Depois disso separaram-se, nem menos nem mais felizes, pois o autor não nos informa. Certamente todos ganhariam um certificado de participação e mais do que isso, algum conhecimento sobre as possibilidades de ser feliz, ainda nesta vida, que é breve.

Na canção, que ensajou esse texto o poeta diz: “A felicidade é como a pluma que o vento vai levando pelo ar/ Voa tão leve/ Mas tem a vida breve/ Preciso que haja vento sem parar”. Que a vida seja breve, mas que haja ventos e que nos guiem para o porto da felicidade.

## REFERÊNCIAS

*Boécio e Ramon Llull: a Roda da Fortuna, princípio e fim dos homens*. Disponível em:<[www.ricardocosta.com/pub/boecioellull.htm](http://www.ricardocosta.com/pub/boecioellull.htm)>. Acesso em: 02 mai. 2012

SAN AGUSTIN. *De la vida feliz*. Edição bilíngue. Tradução de Felix Garcia (org). Madrid: BAC, 1950. Tomo I, p.617-669

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Edição bilíngue. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Batista e Maria Cristina de Castro-Maia Sousa Pimentel. Introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2000.

SANTO AGOSTINHO. *A vida feliz*. São Paulo: Paulus, 1998, p.119-157 (Patrística, 11).

[http://www2.uol.com.br/tomjobim/index\\_flash.htm](http://www2.uol.com.br/tomjobim/index_flash.htm). Acesso em: 03 mar. 2012.

---

<sup>29</sup> “et inspexi cetera infra te et vidi nec omnino, esse nec omnino non esse; esse quidem, quoniam abs te sunt, non esse autem, quoniam id quod es non sunt. id enim vere est, quod incommutabiliter manet. ‘mihi autem inhaerere deo bonum est’, quia, si non manebo in illo, nec in me potero. ille autem ‘in se manens innovat omnia’; ‘et dominus meus es, quoniam bonorum meorum non eges’ (Conf. VII, 11,17).